

APRESENTAÇÃO

O primeiro navio de imigrantes japoneses – o *Kasato Maru* – aportou em Santos, em 1908, trazendo os primeiros imigrantes japoneses. Iludidos pelas propagandas veiculadas pela companhia de emigração e os órgãos governamentais, suas expectativas eram muitas. Não eram informados sobre as reais condições oferecidas pelo país escolhido, nem sobre as dificuldades que teriam de enfrentar. A maioria deles desconhecia a realidade brasileira, não tendo informação sobre o mercado de trabalho e as condições econômicas, políticas e sociais do país. Muitos acreditavam que o Brasil era um verdadeiro paraíso, uma terra onde bastava sacudir os galhos de uma árvore para que caísse ouro, numa alusão aos grãos de café que trariam riqueza a todos aqueles que se dispusessem a vir. Tinham consciência de que precisariam trabalhar muito, mas isso era o de menos. O esforço era válido para que pudessem retornar para o Japão e aos seus familiares. No entanto, aos emigrantes restava enfrentar as vicissitudes de uma dura realidade que lhes foi revelada no cotidiano de suas vidas anônimas.

A chegada ao Brasil gerou um estranhamento entre duas culturas que pela primeira vez se encontravam: a do imigrante e a do nativo. Língua e costumes diversos que, aos poucos, ao longo das décadas, foram mesclando-se à cultura brasileira, já acostumada a outras tantas culturas – aquelas que deram origem ao povo brasileiro e as dos imigrantes que foram aqui chegando, anteriormente aos japoneses. O estranhamento vai cedendo lugar à assimilação e à aceitação de novos valores. Hoje, cinco gerações depois, a cultura nipo-brasileira marca sua presença no Brasil não apenas na culinária, nas artes e nos festivais, mas também na área de estudos acadêmicos, propiciada pela implantação de cursos de graduação, em universidades brasileiras, nas áreas de língua, literatura e cultura japonesa.

O número 44 da *Revista Cerrados*, “Literatura e Cultura Japonesa em Diálogo”, apresenta artigos que abordam desde a literatura e a cultura japonesa clássica até a contemporaneidade. Trata-se de um modo de celebrar a singularidade da tradição nipônica e, ao mesmo tempo, estabelecer paralelos com a produção de outros países, inclusive o Brasil.

Os primeiros artigos de nosso Dossiê tratam de obras e autores fundamentais da literatura japonesa, alguns deles em perspectiva comparatista. O texto de abertura, de autoria de Andrei Cunha, propõe um interessante diálogo entre Sei Shōnagon, dama da corte do Japão do século XI, e um tradutor famoso de sua obra, Jorge Luis Borges. Na sequência, trazemos a colaboração estrangeira de Roberta Strippoli, que discute a representação de personagens de origem guerreira em *Heike Monogatari* (“Os Contos de Heike”), épico de guerra do século XIII. Em seguida, Donatela Natilli traça o percurso biográfico e literário de Kenzaburō Ōe, ganhador do Prêmio Nobel em 1994, cujo discurso aparece na seção “Traduções”. O quarto artigo, de Cacio José Ferreira, Érika Akemi Tomioka e William Alves Biserra, destaca o caráter de denúncia do romance *Kanikōsen* (“O Navio dos Homens”), de Takiji Kobayashi. O quinto artigo, de autoria de Regina Garcia Oliveira e Patrícia Nakagome, discute o silêncio em dois textos de Haruki Murakami a partir da obra de Barthes. É também o silêncio que “escutamos” no artigo de Mirian Cardoso da Silva e Lúcia Osana Zolin, que trata dos haicais de

Matsuo Bashō e de *Rakushisha*, de Adriana Lisboa. O diálogo entre a obra de dois autores é também analisado por Samuel Pinheiro e Biagio D’Angelo a partir da contribuição filosófica de Keiji Nishitani. Há ainda sobre o romance brasileiro o artigo de Ana Maria Lisboa de Mello, que o aborda a partir do tema da viagem. Na sequência, evidenciando a marca da cultura japonesa em solo nacional, Gisele Novaes Frighetto analisa o romance *O Sol se Põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho, na chave do hibridismo identitário e da transculturação narrativa. Já o décimo artigo de nosso Dossiê se volta à representação do Japão em *Homens Imprudentemente Poéticos*, do português Valter Hugo Mãe. Por fim, os dois últimos artigos estendem o diálogo da cultura japonesa ao campo da educação. O texto de Renata Helena Silva Moriki e Vanessa Gomes Franca relata uma experiência de contação de histórias com o uso do *kamishibai* (“teatro de papel”) como aposta para formação de leitores literários; já o artigo de Kimiko Uchigasaki Pinheiro, João Vicente e Maria da Glória Magalhães dos Reis parte do texto e da versão filmica de um conto de Akiyuki Nosaka para elaborar uma proposta didática.

Além dos artigos, contamos com uma seção de traduções, composta pelo já mencionado discurso de Ōe Kenzaburō ao receber o Prêmio Nobel, “A ambiguidade do Japão e eu”, traduzido por Donatela Natilli, e também por “Que horas são o Japão? Problemas de historiografia (intercultural) comparativa”, do autor alemão Sebastian Conrad, que amplia o diálogo de nosso Dossiê para além do campo da literatura. O texto foi traduzido em conjunto por Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron, Marco Antonio Calil Machado e Maria Beatriz Correa Neves.

As organizadoras agradecem a participação de todos os autores e tradutores que consideraram a *Revista Cerrados* como um espaço adequado para divulgarem suas pesquisas. Além disso, agradecemos a equipe da Letraria, especialmente Fernanda Massi, pelo seu apoio na diagramação, e também à Raquel Yukie Murakami, que forneceu a foto da capa. A foto, evidenciando o diálogo proposto no nosso Dossiê, foi tirada durante o Tanabata Matsuri, o “Festival das Estrelas”, que acontece todos os anos no bairro da Liberdade, em São Paulo.

Por fim, agradecemos também aos leitores do nosso volume. Concordamos com o escritor peruano Mario Vargas-Llosa em seu célebre ensaio “La verdade de las mentiras” (1996), que diz caber ao leitor, em seu regresso à realidade, após a viagem pelo universo da ficção, aplacar a insatisfação que a realidade imperfeita causa. Não há dúvidas de que a palavra final sobre o sentido sempre cabe ao leitor.

As organizadoras,
Lica Hashimoto
Márcia Hitomi Namekata
Patrícia Trindade Nakagome